



A COMUNICAÇÃO COMO INSTRUMENTO PEDAGÓGICO NO SERMÃO DE PADRE ANTONIO VIEIRA

Isabela Amaral Franco da Silva¹; Reginaldo Aliçandro Bordin²

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo compreender, nos sermões do Padre Antonio Vieira, mais especificamente o sermão intitulado “Demônio Mudo”, a educação dos homens no século XVII, no Brasil colônia. O sacerdote utilizou os sermões como instrumento para transmitir não apenas valores religiosos, como também elementos pedagógicos que orientavam essa educação. Isso porque as celebrações religiosas se convertiam em local privilegiado para a propagação do ideário do homem que se pretendia formar; homem este necessário para aquele momento histórico. A pesquisa feita é de caráter bibliográfico e documental, calcada por leituras e análises de fontes primárias como o sermão “Demônio Mudo” e obras que permitem cotejá-lo ao contexto econômico, político, social, cultural e pedagógico da quadra histórica delimitada. A opção pelo tema proposto deu-se pelo entendimento de que, na historiografia da educação brasileira, as pesquisas que abordam os sermões de Vieira apontam para a relevância dos estudos nessa área. A questão norteadora da pesquisa se consubstancia em compreender como essa forma de comunicação, explicitada nos sermões de Vieira pela sua estrutura escrita e pelo modo de ser comunicada, serviu de substrato pedagógico para a Igreja e Coroa Portuguesa no contexto explicitado. Para responder a este questionamento, utilizou-se como subsídio teórico-metodológico a categoria trabalho como fundante, bem como o estilo da redação, da retórica e as características lingüísticas do sermão escolhido para análise.

PALAVRAS-CHAVE: Educação; História da Educação; Comunicação; Padre Antônio Vieira.

1 INTRODUÇÃO

No século XVII destacou-se, na historiografia da educação brasileira, a figura do jesuíta Antonio Vieira, arguto e sagaz orador que, por meio de seus sermões exerceu influências políticas e ideológicas nos diversos setores da sociedade colonial. O jesuíta nasceu em Portugal no ano de 1608 e veio para o Brasil em 1616, com oito anos de idade. Frequentou o Colégio baiano da Companhia de Jesus. Apesar da oposição de seus pais, Antonio Vieira fugiu para o Colégio dos jesuítas e, com 27 anos, tornou-se sacerdote da ordem. Um exímio missionário e possuidor de “[...] prodigiosos dotes de orador que o distinguem [...]” (ALVES, 1945, p. XXXIX).

Antes mesmo de sua ordenação, Vieira mostrou-se interessado pelas práticas sociais do contexto histórico em que viveu e participou, ao lado da Coroa Portuguesa, contra a invasão holandesa na Bahia. Nesse episódio, o jesuíta se posicionou como um soldado de Cristo, utilizando-se de sua habilidade com as palavras. De acordo com Carel (1937, p. 17): “Na sua qualidade de português, católico e religioso, Vieira julgou-se no tríplice direito de intervir e emprestar à luta o peso da sua poderosa palavra. Admirável

¹ Acadêmica do Curso de Jornalismo. Departamento de Comunicação Social do Centro Universitário de Maringá – CESUMAR, Maringá – PR. Bolsista do Programa de Bolsas de Iniciação Científica do Cesumar PROBIC. isabelajornalista@hotmail.com

² Professor de filosofia do Cesumar e doutorando em História da Educação pela UEM. r.a.bordin@uol.com.br

conseqüência do patriotismo!” O autor afirma, ainda, que o jesuíta amava a religião tanto quanto amava a sua pátria e era, além de cristão, um grande cidadão, ou seja, Vieira “freqüentemente se tornou intérprete do pensamento nacional” (CAREL, 1937, p. 20).

Assim como Vieira, no período eleito para essa pesquisa, ou seja, o século XVII, quando da ocupação das terras brasileiras, muitos religiosos vieram habitar a colônia que era ocupada, prioritariamente, por índios e colonizadores, constituindo-se, de acordo com a definição dada por Silva (1999), em um amontoado de comunidades de oralidade primária³. Desta feita, pode-se afirmar que os padres que se dispunham a vir para essas terras deviam ser intérpretes ardilosos, a fim de que seus sermões fossem compreendidos pelos nativos e colonizadores que as habitavam. Portanto, suas preleções eram consideradas como fonte privilegiada de informação e conhecimento.

Segundo Azevedo (1963), desde os primórdios da ocupação brasileira por Portugal, tanto a educação como a evangelização brasileiras estiveram atreladas aos interesses econômicos e políticos dos colonizadores. Estes, advindos de um contexto expansionista europeu de caráter mercantilista, coordenado principalmente pela Espanha, buscavam no Novo Mundo metais preciosos e matérias-primas. Além disso, os ibéricos traziam em seu bojo a também conquista espiritual, pois precisavam angariar fiéis para a religião católico-romana então prejudicada pela Reforma Protestante.

Nesse contexto, o clero católico reagiu com o movimento da Contra Reforma, em 1545, que tinha o tríplice objetivo: combater o protestantismo, corrigir falhas da Igreja de Roma e reafirmar seus dogmas doutrinários. Como resposta à Reforma Protestante os contra reformistas reorganizaram as escolas católicas, pois defendiam o controle da Igreja sobre a instrução. O exemplo mais bem sucedido dessas escolas foi a dos jesuítas que, além de formar os próprios padres, formavam as classes dirigentes.

Quando os portugueses aportaram no Brasil com o intuito de explorá-lo, em 1530, já sofriam os revezes do movimento reformista. Sabiam que a colônia oferecia-lhes riquezas naturais e, mais preciosamente, a riqueza humana. Como descrito na carta de Caminha ao rei de Portugal, em Alves Filho (1999, p. 22), “[...] Porém o melhor fruto, que dela se pode tirar me parece que será salvar esta gente. E esta deve ser a principal semente que Vossa Alteza em ela deve lançar [...]”. Para tal, Caminha sugeriu que o monarca enviasse pessoas hábeis, a fim de que o intento fosse viável. Os objetivos das duas maiores instituições da época – Igreja e Estado – estavam entrelaçados no afã da colonização e, portanto, os escolhidos deveriam atender ao processo de aculturação almejado pelas supremacias do poder do século XVI.

Assim, a presença dos jesuítas na história colonial foi providencial. Em 1549 chegaram os primeiros representantes da ordem e sua influência na perpetuação da hegemonia cultural não pode ser desprezada. Porém, é necessário frisar que seus esforços não ficaram presos à visão idílica de Caminha sobre os silvícolas como a ingenuidade e docilidade.

Estruturadas na colônia as relações em bases escravistas, só na instância ideológica é que se poderia persuadir o índio a participar desse processo. Nessa perspectiva, a ideologização do projeto colonial consubstanciou-se na ação missionária e evangelizadora exercida pelas ordens religiosas junto aos grupos indígenas. Desta forma, pode-se concordar com o que descreve Medeiros (1981, p. 34), ao analisar que “A Igreja

³ Alguns autores enfatizam a importância dos gestos e modo de falar quando na troca de informações. Como afirma Silva (1999, p. 71), “nas comunidades de oralidade primária, a transmissão dos textos elaborados oralmente contavam com a performance dos intérpretes [...] voz, gestos, cenários, elementos visuais e sonoros se amalgamavam para apresentar a obra”. Comunidades de oralidade primária podem ser compreendidas como aquelas que não se utilizam da escrita, bem como apresentam elementos lingüísticos limitados no que se refere à comunicação.

ajudou a enorme massa de desprovidos de bens materiais a pensar como o desejavam os donos do poder, e não como requeria a sua condição material no processo produtivo”.

As influências da Igreja Católica na colônia brasileira foram significativas, haja vista que a maioria das pessoas, nesse período, era iletrada. As escolas jesuíticas tinham a especificidade de realizar a articulação entre os interesses da metrópole e as atividades da colônia. De acordo com Ribeiro (1995), os jesuítas recebiam incentivos financeiros da coroa portuguesa para fundar colégios nas capitâneas brasileiras. Essa situação atrelava os padres, juridicamente, ao Estado, o que os obrigava a formar gratuitamente sacerdotes para a catequese.

O objetivo inicial dessas escolas sofreu, em sua instauração, uma ruptura significativa “O plano legal (catequizar e instruir os índios) e o plano real se distanciam. Os *instruídos* serão descendentes dos colonizadores. Os indígenas serão apenas *catequizados*” (RIBEIRO, 1995, p. 23). Pode-se concluir, então, que a educação jesuítica servia aos interesses da classe dominante, logo, uma educação para a elite.

Os padres, tal como Vieira, tinham em suas mãos a oportunidade de corroborar a Coroa e a Igreja, instituições hegemônicas na conformação social do período, e “educar” os colonos, índios e negros por meio da elaboração e leitura de seus sermões, da impositivação vocal, da entonação dada a determinadas palavras e até mesmo a parágrafos inteiros, com o intuito de formar o homem necessário para a época.

Como descreve Pereira (2005, p. 24): “O Padre Antonio Vieira é considerado um dos maiores oradores do século XVII” e pode ser reconhecido, de acordo com essa pesquisa, como um expoente da educação colonial, pois como afirma Ribeiro (1995, p. 24) “a Companhia de Jesus se tornou a ordem dominante no campo educacional”. Dessa forma, os objetivos alcançados com a pesquisa foram o de analisar a educação no sermão de Vieira, bem como o de estudá-lo de forma a entender sua importância na transformação social do Brasil, compreendendo de que forma o sermão respondia à formação do homem necessário aquele período.

2 MATERIAL E MÉTODOS

O material escolhido para a análise da pesquisa foi o sermão do Padre Antônio Vieira denominado Demônio Mudo. Após breve leitura de alguns textos do jesuíta, escolheu-se o sermão citado, pois, no entendimento do pesquisador, ele trazia elementos pedagógicos e históricos de interesse para a análise.

No Sermão Demônio Mudo, Vieira atuou de maneira a contribuir com a formação do homem para aquele momento histórico, preservando os dogmas religiosos. Ao tratar, especificamente, sobre o demônio representado pelo espelho, o jesuíta explicava que o objeto era a representação de um demônio, pois fazia com que as pessoas se contemplassem e se idolatrassem, principalmente as mulheres, para quem o jesuíta afirmava que o objeto havia sido criado.

Dessa forma, a análise do sermão ratificou o método escolhido para a pesquisa, que foi o materialismo histórico. Para esse método, a produção material da vida e o desenvolvimento das forças produtivas são a base sobre a qual se constroem as estruturas sociais, políticas e pedagógicas.

Essa assertiva nos remete a posição de Vieira, representante da Igreja Católica que, juntamente com a Coroa Portuguesa, concebiam a colônia brasileira como um local privilegiado para lhes oferecer, respectivamente, fiéis e riquezas. Com vistas a suprir e a manter as questões econômicas em uma sociedade conformada pela escravatura, pela propriedade privada dos meios e modos de produção e pela acumulação, Vieira utilizou-se dos sermões para, ideologicamente, formar os homens de acordo com os interesses da Metrópole portuguesa, que tinha na Igreja Católica e, conseqüentemente no jesuíta,

um instrumento de manipulação e inculcação do ideário mercantilista, hegemônico nesse período da história.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Padre Antonio Vieira é considerado como um dos mais importantes e exímios educadores do século XVII, alcançando os objetivos de persuasão e formação do homem necessário aquele momento histórico por meio de sua distinta capacidade de comunicar seus ideais (e conseqüentemente os da Igreja Católica e da Coroa Portuguesa). Dessa forma, educação e comunicação andaram juntas nesse período e tiveram, tanto uma como outra, decisiva participação no processo de construção ideológica da sociedade colonial.

Por meio de sua retórica, Vieira foi um instrumento decisivo para a manutenção das relações econômicas existentes na colônia. Ao aceitar a escravidão, encorajando e incitando os negros ao trabalho, o jesuíta tecia uma apologia ao sofrimento como justificativa para a proximidade de Deus (MENEZES, 2006) e servia, assim, aos interesses da Coroa Portuguesa.

Da mesma forma, incentivava as moças a permanecerem nos conventos; corroborando o mecanismo utilizado pela sociedade colonial e seus latifundiários de não terem suas terras diminuídas pela divisão ocasionada pelo matrimônio de suas filhas. Vieira contribuiu com a manutenção da propriedade privada ao censurar o espelho no sermão Demônio Mudo. Ele acreditava que se as moças se contemplassem e se admirassem “não tem acabado de entregar todo o coração ao Esposo do céu” (VIEIRA, 1951, p. 324).

O jesuíta também foi importante arma da Igreja Católica no movimento de Contra Reforma, pois, utilizando linguagem ameaçadora, amedrontava os fiéis a fim de que eles não se desviassem para outras religiões. Da mesma forma, utilizou-se de sua retórica para trabalhar na conversão de índios e negros à religião Católica, a única, de acordo com ele, que levaria a salvação.

Compreende-se, então, que o padre Antonio Vieira pode ser considerado um intelectual orgânico, pois se utilizou da comunicação para informar e, mais que isso, formar os homens do Brasil-colônia. “E, como as prédicas proferidas dos púlpitos mais elevados ecoavam seja na corte, seja entre a plebe, não é despropositado comparar o papel dos oradores de outrora ao dos radialistas políticos americanos de hoje.” artigo da revista Veja de 11 de fevereiro de 2009. Portanto, a relevância da pesquisa está em, como afirma Saviani (2007), olhar para o passado para compreender o presente.

Nesse trabalho, perscruta-se sucintamente o passado e se permite concluir que em uma sociedade estruturada sobre a lógica do capital, o meio de comunicação utilizado não é relevante no que se refere à transformação do que está posto. Explicando melhor, se no passado Vieira se expressava por meio de sermões, em púlpitos, e hoje os comunicadores utilizam a televisão, o rádio, a internet, dentre tantas outras mídias; percebe-se que quando a sociedade está estruturada em bases capitalistas, a lógica é a mesma.

4 CONCLUSÃO

Assim como nos tempos de Vieira, na atualidade o interesse é manter as relações de produção em bases da propriedade privada, de exploração do homem pelo homem, da acumulação de bens, da mais-valia, do sobre-trabalho e do consumismo, ou seja, manter o capital e a ordem vigente. Compreende-se que Vieira utilizou a comunicação para esse fim, fato que dirige a reflexão para a conduta dos comunicadores da atualidade. Se reproduzirem a ideologia tal qual interessa aos capitalistas, contribuirão para a

manutenção e reprodução do *status quo*. A resistência ao capital se consubstanciaria na criticidade da veiculação das (in)formações. Deve-se refletir então, sobre qual sociedade se quer (trans)formar e, para tanto, que tipo de comunicador se quer ser.

REFERÊNCIAS

ALVES FILHO, I. **Brasil, 500 anos em documentos**. Rio de Janeiro: Mauad, 1999. p. 15-23.

ALVES, G. Padre Antonio Vieira: Sua Vida. In: VIEIRA, A. **Sermões**. Pôrto: Lello e Irmão, 1945. (Obras completas do Padre Antônio Vieira).

AZEVEDO, F. O sentido da educação colonial. In: **A cultura brasileira**. 4. ed. Brasília: UnB, 1963.

CAREL, E. **Vida do Padre Antônio Vieira**. (Tradução de Augusto Souza). São Paulo, Cultura Brasileira, 1937.

MEDEIROS, M. C. **Os Oratorianos de Pernambuco**, uma congregação a serviço do Estado. Recife: UFPE, Dissertação apresentada ao CMH/CFCH, 1981.

MENEZES, S. L. Escravidão e educação nos escritos de Antônio Vieira e Jorge Benci. **Diálogos**, Maringá, v.10, n.3, p.215-228, 2006.

PEREIRA, J. B. **O padre Antonio Vieira**: orador e profeta do V Império. 2005. 311 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2005.

RIBEIRO, M.L.S. **História da educação brasileira**: a organização escolar. Campinas: Autores Associados, 1995.

SAVIANI, D. **História das idéias pedagógicas no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2007 (Coleção memória da educação).

SILVA, J. L.O.A. **Rádio**: Oralidade Mediatizada – o spot e os elementos da linguagem radiofônica. São Paulo: Annablume, 1999.

VIEIRA, A. **Sermões**. Pref. e Rev. pelo Padre Gonçalo Alves. Porto: Lello e Irmão, 1951. v. 3. (Obras completas do Padre Antonio Vieira).